

FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA E DA PROPAGANDA FASCISTA EM THEODOR ADORNO

PSYCHOANALYTIC FOUNDATIONS OF THE AUTHORITARIAN PERSONALITY
AND FASCIST PROPAGANDA IN THEODOR ADORNO

FUNDAMENTOS PSICOANALÍTICOS DE LA PERSONALIDAD AUTORITARIA Y
LA PROPAGANDA FASCISTA EN THEODOR ADORNO

Francisco Fianco¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6072

Recibido: 06/07/2026 | Aceptado: 09/07/2026 | Publicación en línea: 21/07/2026.

RESUMO

A ascensão dos neofascismos e dos radicalismos de direita nesta segunda década do terceiro milênio nos obrigam a revisitar acontecimentos históricos pretéritos na intenção de compreender os mecanismos subjetivos em ação nestes descompassos do processo histórico das sociedades democráticas liberais do ocidente. Para tal tarefa, a psicanálise nos parece um instrumento relevante de investigação de uma hipótese de uma condição humana irracional que se veja tão facilmente seduzida por mecanismos políticos de ódio e seus respectivos discursos. Para tanto, vamos investigar a subjetividade de gregária em *Psicologia das massas e análise do Eu* de Freud para no momento seguinte retomar a discussão sobre a personalidade fascista em Adorno nos textos *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* e *Aspectos do novo radicalismo de direita*, buscando não apenas uma reconstrução dos argumentos como uma atualização da discussão à luz dos mais recentes acontecimentos da sociopolítica brasileira.

Palavras-chave: Neofascismo. Psicologia das Massas. Personalidade Autoritária. Adorno. Freud.

ABSTRACT

The rise of neofascism and right-wing radicalism in this second decade of the third millennium forces us to revisit past historical events in order to understand the subjective mechanisms at work in these discrepancies in the historical process of liberal democratic societies in the West. For this task, psychoanalysis seems to us to be a relevant instrument for investigating a hypothesis of an irrational human condition that is so easily seduced by political mechanisms of hate and their respective discourses. To this end, we will investigate the subjectivity of gregariousness in Freud's *Psychology of the Masses and the Analysis of the Ego* and then return to the discussion on the fascist personality in Adorno's texts *Essays on Social Psychology and Psychoanalysis* and *Aspects of the New Right-Wing Radicalism*, seeking not only a reconstruction of the arguments but also an update of the discussion in light of the most recent events in Brazilian sociopolitics.

¹ Doutor em Estética e Filosofia da Arte, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: fcofianco@gmail.com

Keywords: Neofascism. Psychology of the Masses. Authoritarian Personality. Adorno. Freud.

RESUMEN

El auge del neofascismo y del radicalismo de derecha en esta segunda década del tercer milenio nos obliga a revisar acontecimientos históricos pasados para comprender los mecanismos subjetivos que operan en medio de estas rupturas en la trayectoria histórica de las sociedades democráticas liberales de Occidente. Para esta tarea, el psicoanálisis ofrece una herramienta valiosa para investigar la hipótesis de una condición humana irracional, tan fácilmente seducida por los mecanismos políticos del odio y sus discursos asociados. Con este fin, examinaremos el concepto de «subjetividad gregaria» presente en la obra de Freud *Psicología de las masas y análisis del yo*, para luego visitar el análisis de Adorno sobre la personalidad fascista en textos como *Ensayos sobre psicología social y psicoanálisis* y *Aspectos del nuevo radicalismo de derecha*. Nuestro objetivo no es meramente reconstruir estos argumentos, sino actualizar el debate a la luz de los recientes acontecimientos sociopolíticos en Brasil.

Palabras clave: Neofascismo. Psicología de las Masas. Personalidad Autoritaria. Adorno. Freud.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A inquietação deste texto surge de uma frase assustadora de Benjamin, que falava de seu tempo sem saber o quanto estava igualmente profetizando o nosso. Em suas teses *Sobre o Conceito de História* ele diz: “que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (Walter Benjamin, 2012, p. 243-244) Essa eterna ameaça torna qualquer reflexão sobre o fascismo e os novos movimentos radicais de direita uma urgência e um pesadelo. É nesse sentido que nos dedicaremos a pensar as razões, psicanalíticas, neuróticas, insanas, inconscientes, que nos possam ajudar a entender porque, mesmo passado um século de seu surgimento, o totalitarismo de direita venha se reerguendo como um pesadelo recorrente das democracias liberais modernas.

Se não refletirmos e levarmos a sério a dimensão afetiva, irracional das massas, modernas ou contemporâneas ou digitais, se não buscarmos possibilidades teóricas e práticas de se lidar de modo emancipatório com os afetos e frustrações, com essa dimensão emocional que move milhões de pessoas, outros saberão, mais do que nunca, fazer uso manipulador e escravizante desses mesmos processos. (Machado, 2025, p. 166)

Pensar hoje a revivescência dos totalitarismos de direita traz muito oportunamente luz a elementos desse novo radicalismo que estavam presentes já no período no qual se dedicou sobre ele o filósofo frankfurtiano e que, para nosso espanto e desespero, ainda se fazem notar no ressurgimento do radicalismo fascista deste início de milênio. Talvez o elemento mais importante destacado por Adorno nestes textos pós-guerra seja o fato de que este novo radicalismo não é uma ruptura, qualitativamente diferenciada do fascismo original das décadas de 20 e 30 do século passado, e sim o acréscimo, a esta postura tradicional, de elementos da personalidade autoritária que se fazem subjetivamente presentes através da cultura de massa que grassou a partir de meados do século passado (Machado, 2025) e que, hodiernamente, ganha parâmetros inauditos através das tecnologias de comunicação interativa, obrigando-nos todos a pensar a atualização não apenas dos meios de comunicação e seu papel de construção social como também da facilidade através da qual discursos de ódio e pulsões anticivilizatórias são inescrupulosamente proferidas e ganham eco na mentalidade popular. O que nos propomos considerar aqui é tecer brevemente um diálogo entre psicanálise e teoria crítica, mais especificamente entre a *Psicologia das Massas e a Análise do Eu* e os textos *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* e *Aspectos do novo radicalismo de direita*.

O OVO DA SERPENTE

Nos valem aqui do título do filme dirigido por Ingmar Bergmann e ambientado na Berlim de 1923, que vê a crise econômica e o antissemitismo como o campo fértil para os movimentos totalitários que se encontravam ali já em gestação. Neste mesmo período, em outra capital de língua alemã, mais especificamente na Viena de em 1921, Freud traz a luz seu célebre texto sobre os movimentos de massa, profetizando em uma década a ascensão do Nazismo na Alemanha e em um século o recrudescimento do totalitarismo entre nós, esclarecendo que a oposição entre psicologia dos indivíduos e dos grupos não passa de uma aparência a um observador desavisado e distante:

Na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo. (Freud, 2020a, p. 137)

A distinção seria aqui, então, no espírito cientificista de sua época, que a psicologia social

trataria o sujeito como pertencente a uma raça, a um clã, a um povo, ou seja, a um todo biológico ou cultural a respeito do qual ele consiga manifestar em alguma medida a sua relação de pertencimento. Por esta razão mesma é que o texto começa sua evolução analisando a obra *Psicologia das Massas*, de Gustave Le Bon, estudioso polivalente que tem nesta obra seu mais celebrado êxito. A questão inicial das indagações de ambos é especificamente entender como que um indivíduo, uma vez que. Inserido na massa, no grupo, passa a se comportar de maneira oposta àquela que adotaria enquanto estivesse isolado, muitas vezes mesmo em prejuízo de seus próprios interesses. As descrições de Le Bon, secundadas por Freud, para caracterizar as massas não poupam críticas tanto pungentes quanto exatas:

Além disso, pelo simples fato de pertencer a uma massa organizada, o homem desce, portanto, vários degraus na escada da civilização. Isolado, talvez fosse um indivíduo instruído, na massa ele é um ser instintivo [*Triebwesen*], e, por consequência, um bárbaro. Ele possui a espontaneidade, a violência, a selvageria e também o entusiasmo e o heroísmo de seres primitivos. (Le Bon apud Freud, 2020a, p. 145)

Na massa, a singularidade desaparece, de maneira que o indivíduo experimente, na força dos números aos quais se soma, uma sensação de superpotência, deixando-se levar pelos movimentos do grupo na mesma medida em que sente desresponsabilizar-se das ações que comete. As ações ganham a dimensão de um contágio, por serem irracionalmente replicadas pelos membros da massa, e se direcionam através de uma espécie de sugestionabilidade espontânea que adquire imediatamente uma força de lei dentro do grupo para, aleatoriamente, desfazerem-se com a mesma insensatez efêmera com a qual surgiram. Não entraremos aqui em detalhe sobre as categorias de contágio e sugestionabilidade, ou mesmo de “eflúvios” e capacidades hipnóticas utilizadas pelo autor para podermos nos deter nas fundamentações. Psicanalíticas que Freud vai providenciar na sequência, mas destacamos ainda assim que, a despeito de possíveis distinções sobre a origem e causa dessa formação de uma psique artificiais, as constatações observáveis da psicologia dos grupos se alinham em ambas estas perspectivas.

As principais características do indivíduo inserido na massa são, portanto: desaparecimento da personalidade consciente, predominância de personalidade inconsciente, orientação dos pensamentos e sentimentos na mesma direção, através da sugestão e contágio, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas. O indivíduo não é mais ele mesmo, mas um autômato, que não pode mais ser guiado pela própria vontade. (Le Bon apud Freud, 2020a, p. 144)

Freud entende a massa, a partir dessas observações, como sujeita a extremos,

extremamente excitável, confiante no poder mágico das palavras e baseada em pensamentos mais imagéticos do que especificamente conceituais e racionais, razão pela qual pode aceitar em seu seio mesmo as ideias mais estapafúrdias ou em si contraditórias. Para dominá-la, não é necessário argumentação fundamentada e sim uma boa retórica, a repetição cínica e simples de ideias dotadas de apelo e força.

A massa é impulsiva, mutável e excitável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente. [...] Ela não tolera nenhum adiamento entre o seu desejo [*Begehren*] e a fruição do que for desejado. Ela tem o sentimento da onipotência; para o indivíduo na massa desaparece o conceito do impossível. (Freud, 2020a, p. 146)

Para isso, sabemos hoje, a história malogradamente nos provou, é necessário a figura talvez mais sóbria dessa constelação de conceitos por si só ameaçadores, a figura magistral do líder, aquele do qual emana a autoridade, em mensagens inexatas e abertas, capazes de ressoar adequadamente em cada indivíduo da massa independentemente como se tivesse sido dirigida especificamente a ele pelo fato que foi ele, e não o líder, que interpretou assim a mensagem que lhe permitirá dar livre vazão do seu desejo que de outra forma teria ficado, deveria ter ficado, reprimido.

Como a massa não tem dúvida sobre o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade. Ela respeita a força, e só se deixa influenciar moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre. No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progressos e um respeito ilimitado pela tradição. (Freud, 2020a, p. 148)

“Autoridade”, “força”, “violência”, “conservadora”, o uso específico destes termos evoca em qualquer um de nós reminiscências bastante recentes e que ainda ecoam fantasmáticas pelos cenários de nossa política em suas camadas mais abjetas. Mas não nos precipitemos, retornaremos a isso mais adiante. Nos cabe aqui mais detalhadamente tentar recuperar as explicações psicanalíticas dadas por Freud para o fenômeno da massa, seus mecanismos de coesão, razão pela qual deixaremos à parte tanto os conceitos de Le Bon como contágio e sugestibilidade, quanto os conceitos de alma da massa e compulsão trazidos ao texto na análise do livro *A Mente Grupal* de Willian McDougall, também discutido, ainda que mais brevemente, por Freud.

Na perspectiva psicanalítica, a massa vai ser explicada através do conceito de *Libido*, conceito usual que denomina uma energia de atração entre os seres e que, a despeito de sua origem

sexual, não se manifesta diretamente de forma genital, inibindo-se em sua meta para formar as relações de afetos entre os sujeitos no seio da cultura. O que conecta tão forte e irracionalmente esses diversos indivíduos em um grupo aparentemente coeso não é a alma da espécie nem o pertencimento da raça, e sim a capacidade que todos tem de depositar energia libidinal, investimento afetivo, nos mesmos objetos e de fazer essa energia circular entre eles mesmos. Isso significará que “a massa é claramente mantida coesa por uma espécie de força. Mas a que outra força poderíamos atribuir essa realização senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo?” (Freud, 2020a, p. 164) Esse afeto amplo não apenas une a massa em um impulso inicial, mas igualmente a mantém coesa depois que ela é formada.

Ainda que o que mais nos salte aos olhos a analisar o fenômeno das massas como base dos excessos tanto do totalitarismo tradicional quanto dos novos radicalismos de direita de ontem e de hoje seja a sua verve agressiva, sua disposição para a agressão e a violência, temos que observar que se trata aqui de um processo de construção de identidade coletiva, como meio de reforçar a frágil identidade individual, por isso o apelo é hoje mais masculino do que feminino, e nesse processo de constituição libidinal da imagem de si, a afetividade, enquanto mecanismo narcísico de merecimento de afeto, ocupa um papel importante. Uma vez inserido na massa, o indivíduo fragilizado não precisa mais questionar quem é e se é amado, ele tem uma identidade, um lugar no grupo, e se sabe aceito na medida em que se coaduna ao que é coletivamente estipulado. “[...] obtemos a impressão de que, quando o indivíduo na massa desiste de sua singularidade e se deixa suggestionar pelos outros, ele o faz porque nele há uma necessidade de antes estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, portanto, ‘por amor a eles’.” (Freud, 2020a, p. 164) E essa fraternidade está baseada na ideia de igualdade e justiça: todos são iguais dentro da massa, ninguém se sentirá inferiorizado, todos são amados da mesma forma. “A primeira exigência dessa formação reativa é a de justiça, de tratamento igual para todos. [...] Se não se pode ser o privilegiado, então que pelo menos nenhum de todos os outros o seja.” (Freud, 2020a, p. 197) Mas aqui poderíamos nos perguntar: iguais em relação ao olhar de quem? Amados por quem?

Freud traz aqui como exemplos de massas as instituições da igreja e do exército, para destacar que uma das ideias principais a fundamentar o arrebanhamento libidinal de um grupo de pessoas heterogêneas é exatamente a capacidade que elas tem individualmente de se sentirem igualmente amadas por uma figura de autoridade absoluta, seja ela concreta, como no caso do exército, seja transcendente, como no caso da igreja. O mesmo amor que emana verticalmente

em torrentes da figura de autoridade para seus subordinados fundamenta a sua distribuição entre os pares e, se aquela figura é a única de poder, o pai, todos os demais devem ser isentos de poder, e se tornarem irmãos, em Cristo ou em armas.

Mas obviamente as relações humanas são mais complexas do que esta aparentemente harmônica reunião de afetos coletivos, de maneira que sempre haverá algum dos irmãos que vai querer ser mais amado pelo pai do que os demais, que vai exceler despertando inveja, que vai se enfadar com os supostos privilégios que o líder concede aos demais mas não concede a ele jamais. Esses acontecimentos são, do ponto de vista da massa, graves riscos a sua continuidade, e merecem muita atenção e controle. “Segundo o testemunho da psicanálise, quase toda relação afetiva íntima de longa duração entre duas pessoas [...] contém um sedimento de sentimentos de rejeição e de hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência do recalçamento.” (Freud, 2020a, p. 174) Quando essas relações de hostilidade recalçadas se dão entre pessoas com proximidade afetiva elas são entendidas como ambivalência, que está presente, como nos mostra o texto citado, em todas as relações humanas de proximidade. A complexidade que toca a psicologia das massas se apresenta aqui então em um de seus traços mais urgentes, que é o da relação da massa, ou do sujeito de massa, com aqueles que não são próximos e com os quais ele não tem relação libidinal, ou seja, a instancia ontológica e moral da alteridade.

Para não ser tolhido do pertencimento da massa, o indivíduo não pode demonstrar nem discordância nem inadequação, ou seja, deve se modelar perfeitamente aos desígnios do grupo para não perder o olhar benfazejo dessa figura paterna ou mesmo ser alvo da sanha purificadora dos irmãos. Por isso ele não pode revelar hostilidade, recalçando-a, deslocando-a para o lugar no qual ela pode desaguar tranquilamente, que é longe da massa. A agressividade recalçada não se dispersa, nem se sublima, apenas se transfere, tão mais efusiva quanto mais contida tenha que ter sido no seio do grupo. O outro representa uma oportunidade única, válvula de escape das tensões do grupo que, intuitivamente, sabe como proceder. A imagem projetada, fantasmática, imaginada do outro permite que a massa siga sem autocrítica, na certeza de seu valor e de seu pertencimento, de sua pureza.

Nas aversões e repulsas que emergem explicitamente contra estranhos que estão próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor por si próprio, de um narcisismo que anseia por sua autoafirmação [...]. Não sabemos por que uma sensibilidade tão grande deveria ser lançada justamente sobre esses detalhes da diferenciação; mas é inegável que nessa conduta dos seres humanos revela-se uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja origem desconhecida e à qual gostaríamos de atribuir um caráter elementar. (Freud, 2020a, p. 175)

Esta misteriosa fonte da agressividade a qual se refere Freud ao fim da citação é a pulsão de morte, que havia sido descrita no texto *Além do Princípio de Prazer* (2020c) apenas um ano antes a publicação deste nosso texto sobre as massas. E é justamente esta agressividade, como dissemos acima, essa capacidade para a destruição que está no cerne dos movimentos de massa, o aspecto que mais nos choca ao abordarmos tais fenômenos ontem e hoje. A teoria da pulsão de morte coloca a agressividade como uma das duas grandes formas da psique humana, ao lado da libido, de maneira que ela é também, potencialmente, grande fonte de prazer. O que a massa faz é propiciar o desrecalcamento dessas pulsões, liberando aos sujeitos o acesso aos prazeres primitivos que todos anseiam mas se esforçam por controlar. Quando essa liberação se dá através da conclamação do líder, o processo se dá através de uma destrutividade cega.

Em obediência à nova autoridade, ele está autorizado a colocar fora de ação a sua “consciência moral” anterior e ceder à tentação do ganho de prazer, que certamente é obtido através da suspensão de suas inibições. Portanto, considerando-se como um todo, não é assim tão estranho ver um indivíduo na massa fazer ou aprovar coisas das quais ele teria se afastado em suas condições habituais de vida [...]. (Freud, 2020a, p. 156)

Para que as estruturas culturais possam gozar de certa harmonia, é necessário que estas pulsões prazerosas do inconscientes sejam moldadas, organizadas, controladas, o que está intimamente ligado ao processo de educação e civilização. “Sua afetividade é aumentada excepcionalmente, e seu rendimento intelectual é marcadamente restringido, estando ambos os processos claramente orientados na direção de uma equiparação com outros indivíduos da massa; [...]” (Freud, 2020a, p. 159) Aqui mais uma característica importante dos movimentos totalitários de massa, o seu anti-intelectualismo, o ódio à cultura, na medida em que ela representa uma forma de resistência aos impulsos primários dos sujeitos e que ela possibilite saídas mais amenas a essas pulsões de afeto e destruição através da sublimação. Não é coincidência que o decréscimo intelectual da massa se dê em proporção a sua irascível afetividade coletiva.

Nos cumpre agora abordar um elemento chave da psicologia de massa, que é a figura do líder, para poder entender de onde ele tira o seu prestígio, seu poder de concentração libidinal. Freud recupera aqui a estruturação familiar para mostrar como se daria a primeira relação da criança com o mundo, na figura dos pais, a relação da identificação. Ao tomar o pai como seu ideal, em uma identificação masculina por excelência, a criança erige um modelo de comportamento, alguém a imitar e no qual depositar afeto não enquanto uma relação objetal, algo que se quer ter, pois este é o espaço do corpo da mãe, e sim enquanto algo no qual se tornar, algo que se quer ser. “Ele apresenta, portanto, duas ligações psicologicamente distintas: com a mãe,

um investimento de objeto claramente sexual; com o pai, uma identificação como modelo.” (Freud, 2020a, p. 178) Isso institui uma espécie de identificação que poderíamos chamar de identificação vertical, e que está na base da identificação do indivíduo de massa com a figura do líder enquanto sucedâneo da imagem paterna, neste momento muito provavelmente perdida ou bastante esborrada.

Na massa essa identificação individual não basta, pois são necessários outros para constituir o grupo. É aí que se dá o que poderíamos chamar de uma identificação horizontal, ou seja, o reconhecimento em outros sujeitos dos mesmos sintomas lacunares que o eu ostenta, um encontro não casual de neuroses bastante semelhantes a ponto de poder propiciar a estes sujeitos uma espécie de identidade comum, uma comunidade que teria como emblema distintivo a imagem de suas mesmas patologias e fragilidades. “A identificação por meio do sintoma torna-se, então, índice de um lugar de coincidência dos dois Eus, lugar esse que deve ser mantido recalçado.” (Freud, 2020a, p. 181) Essa identificação horizontal, mediada pelo compartilhamento dos sintomas, é a força que mantém amalgamada a *fratria*, a comunidade horizontal e igualitária dos irmãos, todos eles pertencentes ao mesmo grupo porque todos subjugados à vontade de um mesmo ideal despótico, de um mesmo líder tirano, da mesma sombra de um pai ausente.

Este impulso gregário é entendido como a tendência dos indivíduos a se aproximarem, formando grupos cada vez maiores como mecanismo de afirmação e defesa. “O indivíduo sente-se incompleto quando está sozinho. A oposição ao rebanho é o mesmo que uma separação dele, e por isso é evitada pelo medo. Mas o rebanho recusa tudo o que é novo, não habitual.” (Freud, 2020a, p. 194) Na medida em que qualquer forma de oposição ao grupo possa ser entendida como crítica, o indivíduo se adequa a ele de forma passiva, assumindo inclusive os traços desse grupo. Enquanto unidade frágil de identificação, o grupo teme qualquer interferência externa que possa lhe questionar os pressupostos, tornando-se bastante conservador e desconfiado das novidades e das diferenças, e isso se derrama também individualmente sobre os seus membros. O indivíduo precisa do grupo, mas o grupo é conservador, logo o indivíduo vem a se tornar tão ou mais radicalmente conservador e desconfiado, mesmo agressivo, com os que não pertencem ao grupo, com os de fora do que o grupo mesmo.

O modelo de funcionamento da massa é o mesmo da horda primitiva, conforme a descreveu Freud em seu *Totem e Tabu* (1996), ou seja, um grupo de membros limitados em seu poder, igualmente subjugados e protegidos por um líder ou pai absoluto superpoderoso para o desejo do qual não há limite algum, uma figura de extrema potência. “Do mesmo modo como o

ser humano primitivo se encontra virtualmente conservado em cada indivíduo, a horda originária pode restabelecer-se a partir de uma multidão qualquer de seres humanos.” (Freud, 2020a, p. 200) Através dessa repressão dos membros o pai primitivo os obriga à psicologia de massa, pois não lhes permite a satisfação de suas pulsões diretamente em seus objetos, sejam libidinais ou agressivos, fazendo com que eles tenham apenas como opção esse deslocamento afetivo em direção ao pai e ao grupo. Mas aqui, se aceitarmos esta descrição, nos surge ainda uma outra consequência: se no sujeito consciente reside em germe o selvagem primitivo, desejoso de satisfação imediata de suas pulsões na mesma medida em que na sociedade, o grupo humano organizado, está contida a horda primitiva desejosa de ser submetida e dominada acriticamente, esses mecanismos da cultura funcionam apenas como uma máscara, como um teatro de sombras a esconder a verdadeira natureza primitiva e destrutiva do ser humano tanto em sua particularidade quanto em sua coletividade. “Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie.” (Benjamin, 2012, p. 245) Talvez isso nos ajude a entender e corroborar a intuição de Benjamin sobre a história humana que não cessa, infelizmente, de se comprovar.

A ONDA

Aqui aproveitaremos o título de uma outra obra cinematográfica a abordar os fenômenos totalitários, o filme alemão de 2008 dirigido por Dennis Gansel e ambientado em uma escola na qual se faz uma experiência de estado autocrático, agora já atualizado para o século XXI, com elementos da pós-modernidade e a ubiquidade das redes sociais. É com esta mesma intenção, de atualização dos fenômenos do fascismo que Adorno se dedica a estudar os mecanismos de propaganda e os elementos do novo radicalismo de direita ao longo das décadas de 50 e 60 do século passado.

Tal abordagem, a necessidade de entender os processos de atualização do fascismo, nos parece pertinente uma vez que, por mais que nos custe e desagrade reconhecer, talvez a revivescência das tendências totalitárias de forma cíclica dentro de nosso sistema de capitalismo tardio não seja uma anomalia, e sim um elemento intrínseco ao seio da cultura e mesmo individualmente arraigado, pelo menos dentro da subjetividade moderna e pós-iluminista. Ou, como bem sintetizou Bertold Brecht: “A cadela do fascismo está sempre no cio.” (2024)

Isso se dá porque, segundo Adorno (2020, p. 45), “os pressupostos sociais do fascismo

ainda perduram”. E se perduravam a ponto de nosso autor poder identificar sua permanência entre o período no qual se ocupa da psicologia de massa Freud e seu próprio tempo de elaboração, meados do século, isso também pode ser verdade para nós na terceira década do terceiro milênio. Ao passo que o capítulo sobre teoria freudiana e propaganda fascista é de 1951, a palestra sobre o novo radicalismo de direita foi proferida em 1967, e esta distância temporal de quase duas décadas ao invés de assinalar distinções nos permite mais claramente perceber as continuidades. “E essa curiosa unidade de sistema delirante e perfeição tecnológica parece estar em ascensão e parece desempenhar novamente um papel decisivo nesses movimentos em geral.” (Adorno, 2020, p. 57) Se fizermos a mesma reflexão sobre nossos dias atuais perceberemos a mesma continuidade percebida por Adorno, acrescentado ao nosso contexto a comunicação em larga escala e a virtualização dos mecanismos de propaganda, ou seja, uma modificação mais da ordem dos meios do que das mensagens.

[...] Adorno vinculou essa conservação à conexão entre fascismo e capitalismo, algo intrínseco ao processo social e histórico da modernidade e não estranho a ela. Para isso, Adorno entendeu que o fascismo não foi um mero desastre histórico, um acidente de percurso, mas está entranhado nos fenômenos culturais e políticos expressos pelo capitalismo. Ele não surgiu do acaso, diagnosticou Horkheimer (1980, p. 116): o fascismo é a verdade da sociedade moderna, que foi alcançada desde o início pela teoria. (Bordin; Dias, 2024, p. 2)²

Já em seu texto sobre *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (Adorno, 2015) se desvelam as relações entre constituição psíquica individual e organização social coletiva relembrando o texto sobre as massas de Freud. “Não é exagero se dissermos que Freud, apesar de seu pouco interesse pela dimensão política do problema, claramente antecipou o surgimento e a natureza dos movimentos de massa fascistas em categorias puramente psicológicas.” (Adorno, 2015, p. 156) Mas isso não sugere, evidentemente, uma particularização do problema enquanto uma patologia exclusiva de um indivíduo que não tenha relação ou como causa as questões econômicas e culturais, seja da depressão econômica da República de Weimar, seja da barbárie da uberização no neoliberalismo nosso de cada dia. “De acordo com Freud, o problema da psicologia de massas está intimamente relacionado ao novo tipo de sofrimento psicológico, bastante característico da era que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e seu conseqüente enfraquecimento.” (Adorno, 2015, p. 157)

² “Der Faschismus ist die Wahrheit der modernen Gesellschaft, die von der Theorie von Anfang an getroffen war” (Horkheimer, 1980, p. 116)

Por fim, permitam-me dizer-lhes algumas coisas sobre a propaganda, que na verdade é de certo modo, como sugeri, o cerne, a coisa mesma. Essa propaganda serve menos para a disseminação de uma ideologia, que é demasiado pobre, como lhes disse, e mais para tornar as massas engajadas. A propaganda é, portanto, sobretudo uma técnica de psicologia das massas. (Adorno, 2020, p. 67)

Ainda que não tenha se dedicado ao estudo das transformações sociais de sua época, a reflexão de Freud sobre a psique individual permite entrever a maneira através da qual os elementos coletivos vão gerando dentro dos sujeitos as transformações necessárias para a instauração da personalidade autoritária, ou seja, não podemos endossar as críticas mais radicais à psicanálise como ciência burguesa, individualista e solipsista, pelo menos não neste caso. Claro que não podemos cair aqui em uma simplificação de ordem psicologizante, o fenômeno do fascismo é muito mais complexo do que meras disposições internas aos sujeitos, mas o que nos interessa perceber são os mecanismos psicológicos que estão presentes nessas dinâmicas sociais tanto no âmbito histórico quanto contemporâneo.

Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas. (Adorno, 2015, p. 186)

Assim, não podemos separar claramente o subjetivo do social na compreensão de mecanismos tão complexos como a sociedade contemporânea e devemos incluir ainda, nesta reflexão, os mecanismos através dos quais os indivíduos se convertem em “meras encruzilhadas das tendências do universal” (Adorno; Horkheimer, 2010, p. 128), ou seja, a forma através da qual os meios de comunicação de massa se convertem em mistificação e doutrinação coletiva.

Aqui, gostaríamos de destacar que talvez esta integração dos novos elementos do radicalismo de direita em oposição a seus esquemas tradicionais, mais concretos e militarizados, possa ter um paralelo com a questão da dominação social e subjetiva desempenhada por mecanismos sutis que os frankfurtianos percebem no seio da sociedade americana e que os choca tanto a ponto de se verem impelidos a elaborar o capítulo sobre *O Esclarecimento como Mistificação das Massas*, talvez o mais célebre dos capítulos da já citada *Dialética do Esclarecimento*, e que não constava no rascunho original da obra elaborado ainda antes do exílio. (Rodrigo Duarte, 2003)

A inovação do texto de Freud, retomado por Adorno, é o de não incorrer no erro largamente cometido até então de desprezar as massas em suas manifestações coletivas e em suas

intenções irracionais. Através de elementos que funcionam mediante a suspensão da racionalidade crítica, como a sugestão do discurso ou o vínculo do orador com seu público, Freud ultrapassa a limitação de explicar os fenômenos a partir de um hipotético instinto gregário humano que mais do que a explicação seria a própria raiz da questão formulada. (Adorno, 2015, p. 158-159) O vínculo que integra os indivíduos à massa é, portanto, libidinal, e não racional, de modo que eles possam mesmo serem conduzidos a defender ideias que se colocam imediatamente contrárias aos seus próprios interesses, como os imigrantes ilegais que apoiam Donald Trump, célebre pelas políticas anti-imigração, nos Estados Unidos.

Primeiro, as metas objetivas do fascismo são altamente irracionais, na medida em que contradizem os interesses materiais de grande número daqueles que elas pretendem abarcar, [...]. O contínuo perigo de guerra inerente ao fascismo significa destruição, e as massas sabem disso, pelo menos deforma pré-consciente. (Adorno, 2015, p. 184)

Como lhe seria impossível conquistar as massas através de um discurso argumentativo, a propaganda fascista se torna um desvio do pensamento discursivo, plena de recursos emotivos e psicológicos, retóricos, mobilizando processos irracionais, inconscientes e regressivos. Seu sucesso é facilitado pela passividade da recepção de todos aqueles que tem algum tipo de padecimento social, que sentem fragilizados em uma estrutura social desfavorável, o que hoje é uma sensação universal.

Não se deve subestimar esses movimentos devido a seu baixo nível intelectual e devido a ausência de teoria. Creio que seria uma falta total de senso político se acreditássemos, por causa disso, que eles são malsucedidos. O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos no sentido mais amplo, combinado com uma cegueira, com uma abstrusidade dos fins que aí são perseguidos. (Adorno, 2020, p. 54)

Neste caso, a propaganda fascista precisa apenas repetir enfaticamente um discurso que reproduza a mentalidade existente, enquanto cínica repetição do real, já que não precisa provocar nenhuma mudança, uma vez que a estruturação social e cultural já esteja propícia ao desenvolvimento de seus interesses, ela precisa apenas usar a autoridade da repetição enfática para o desenvolvimento de certas tendências de personalidade que as pessoas já queriam poder exercer em outros contextos.

Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje,

em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade, [...]. (Adorno, 2015, p. 184)

O radicalismo de direita pode ser entendido aqui, portanto, como uma técnica de psicologia de massa, amplamente utilizada pela indústria da cultura e da publicidade, centrada em um modelo de submissão à autoridade, a uma personalidade carismática de representação paterna. Não implica argumentação racional e sim comoção de pulsões inconscientes cooptadas pela propaganda dos grandes meios de comunicação de massa. Esvaziamento cognitivo que direciona os afetos da massa ao líder de forma acrítica, em um mecanismo bastante semelhante ao de adoração religiosa.

A ênfase em *A Personalidade Autoritária*, entretanto, recai menos na diagnose dos aspectos patológicos da civilização ocidental do que na explicação dos mecanismos psicológicos que levam os indivíduos, acometidos da mencionada fraqueza de ego, a agredirem de modo impiedoso os mais fracos e se submeteram incondicionalmente aos mais fortes (principal característica dos mais “graduados” na escala F). (Duarte, 2003, p. 84)

O pensamento fascista como tendência de eliminação das antinomias, da substituição do conflito de classes que é interno pelo conflito com um outro imaginário, externo e projetivo é a união do estado enquanto instância política com os burgueses enquanto classe econômica hegemônica, que vemos de forma tão corriqueira e corrupta em nossos noticiários políticos. Para que essa projeção funcione é necessária a dimensão do outro, do de fora, que recebe aquela agressividade que não pode ser direcionada nem ao líder nem aos irmãos de ideologia, conforme explica Freud:

Nas aversões e repulsas que emergem explicitamente contra estranhos que estão próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor por si próprio, de um narcisismo que anseia por sua autoafirmação [...]. Não sabemos porque uma sensibilidade tão grande deveria ser lançada justamente sobre esses detalhes de diferenciação; mas é inegável que nessa conduta dos seres humanos revela-se uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja origem é desconhecida e à qual gostaríamos de atribuir um caráter elementar. (Freud, 2020a, 175)

Ou, conforme é percebido por Adorno posteriormente:

A tendência a pisar nos de baixo, que se manifesta de forma tão clara nas minorias fracas e desamparadas, é tão franca quanto o ódio contra quem está de fora. Na prática, ambas as tendências muito frequentemente estão juntas. (Adorno, 2015, p. 173-174)

Isso se dá, por exemplo, entre os pequenos burgueses, a classe média que pensa que é rica (Jessé Souza, 2019) e que, ainda que ameaçada pelas inovações tecnológicas e pelas grandes redes de varejo, prefere imaginar como grande inimigo o fantasma do comunismo, ou as fantasias perversas do pânico moral e das teorias da conspiração. “Esses grupos continuam a tender a um ódio ao socialismo ou àquilo que eles chamam de socialismo, [...]” (Adorno, 2020, p. 46) Ou, por outro lado, na oposição que a extrema direita faz entre setores agrários conservadores defensores da família e das tradições e as cidades progressistas que querem impor agendas de gênero e degeneração dos costumes. (Adorno, 2020, p. 49)

Por outro lado, Adorno afirma que, de modo psicanalítico, existe um sintoma sociopolítico importante e característico, pois esses movimentos querem a catástrofe, nutrem-se com fantasias de fim de mundo. E eles se convertem em apelo organizativo da massa desejosa de estabelecer compromissos políticos. O êxito desse movimento, afirma Adorno, é o de atrair as pessoas por meio do fingimento de que são os garantidores do futuro. (Bordin; Dias, 2024, p. 5-6)

Outro local fartamente utilizado na descarga desta agressividade são os homossexuais, ou apenas aqueles que de alguma maneira se distanciem da heteronormatividade compulsória do masculinismo fascista. Adorno (2015, p. 160) destaca o homoerotismo nazista, do qual Hitler estaria plenamente ciente, ao compor sua *entourage* de figuras feminilizadas, passivas, delicadas, apontando para a homossexualidade inconsciente, a libido que une os irmãos da horda primitiva, da massa fascista. Esse conflito do sujeito com a autoridade absoluta do pai primitivo que vai irmaná-lo aos demais subjugados da massa também tem sua cota de participação na relação da massa com a agressividade, que é justamente a passagem da emoção violenta à ação violenta, uma vez que essa relação de submissão sempre esteja vinculada a alguma forma, ainda que inconsciente, de conflito, fazendo da psicologia de massas a encruzilhada de diversas forças psicológicas internas conflitantes. Isso explicaria a ênfase da massa na destrutividade, ou, em termos mais claros, a razão pela qual o fascismo é um fenômeno anticivilizatório, não enquanto uma defesa de retorno ao primitivo e sim uma estratégia de liberação das pulsões arcaicas dentro do seio da própria cultura.

Se eu devesse falar de modo psicanalítico, diria que o desejo inconsciente de desgraça, de catástrofe, não é aqui a menor das forças mobilizadas a que esses movimentos fazem apelo. Mas eu gostaria ainda de adicionar a isso – e com isso falo àqueles que, com razão, são céticos em relação a uma interpretação meramente psicológica de fenômenos sociais e políticos – que esse comportamento de forma alguma é só psicologicamente motivado, ele tem também sua base objetiva. (Adorno, 2020, p. 52)

É o fenômeno que a história do século XX não nos permite esquecer, não apenas o reconhecimento de que todo documento de cultura é um documento de barbárie (Benjamin, 2012), e sim que a sociedade fascista é organizada de forma a permitir uma elevação da destrutividade primitiva, o gozo da agressão, a níveis industriais, como o campo de extermínio. Por esses motivos os líderes fascistas, ao contrário de demagogos comuns, rejeitam o papel tradicional do pai amoroso e enfatizam suas características de mando e agressividade, de autoridade ameaçadora, inclusive porque não há muito no discurso fascista que possa ser alvo de afetividade positiva, que possa ser amado. (Adorno, 2015, p. 163) Assim o líder aparece como figura ameaçadora frente a qual o sujeito só pode aspirar a se colocar de forma passiva e masoquista, que abre mão de sua vontade e individualidade para se colocar à disposição da vontade do líder que é, nesse contexto, a vontade do grupo. Essa atitude pode ser entendida como uma regressão a comportamentos e estados infantis de desenvolvimento, nos quais o sujeito experimenta as mesmas sensações de medo e proteção da criança em relação ao pai que não pode ser desafiado, pois isso implicaria a possibilidade de agressão, castração e mesmo eliminação. Não é à toa que o neofascismo contemporâneo esteja grassando em uma sociedade tecnológica e infantilizada. Esta desindividuação é fonte de uma tamanha descarga de prazer sadomasoquista que a massa não apenas aceita o jugo e a condução, ela o exige, anseia por ele.

Isso na verdade define a natureza e o conteúdo da propaganda fascista. Ela é psicológica por causa de seus objetivos irracionais e autoritários, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de “uma parte da herança arcaica do sujeito”. (Adorno, 2015, p. 165)

Adorno retoma um conceito largamente utilizado no texto de Freud, como vimos acima, o de identificação, a fim de explicar a maneira através da qual os indivíduos se submetem ao líder. (Adorno, 2015, p. 166) Ainda conservando elementos de um conflito pré-edípico, no qual o filho desiste de concorrer com o pai e passa a se identificar com ele, é necessário esclarecer aqui que esta identificação não é fatual, e sim projetiva. Em outras palavras, não são os fortes que se identificam com o discurso de força e poder do líder, e sim os mais frágeis, aqueles que precisam fantasiar a sua condição e projetam na figura todo-poderosa do líder suas aspirações, suas formas de encobrir as fragilidades. Aqui, diferentemente do desenvolvimento normal do Complexo de Édipo, a identificação não é do líder com a imagem paterna, e sim com o eu idealizado que o sujeito, em sua fragilidade, fantasia sobre si mesmo, muitas vezes até para dar conta da própria ausência do olhar paterno. Ou seja, o fascismo pode ser entendido também como uma espécie de

bastardia, a busca de uma estruturação total que faça as vezes de função paterna negativa ou ausente.

A comunidade do povo [Volksgemeinschaft] corresponde exatamente à definição por Freud de um grupo como sendo “um número de indivíduos que colocaram um e o mesmo objetivo no lugar de seu ideal do eu, e, consequentemente, se identificaram reciprocamente em seu eu”. A imagem do líder, por sua vez, toma de empréstimo, por assim dizer, da força coletiva de sua onipotência primitiva paterna. (Adorno, 2015, p. 170)

A fim de facilitar essa identificação, o líder não pode parecer o narcisista que realmente é, colocando-se acima e à parte da massa de subordinados, ele deve parecer uma pessoa comum, um homem do povo, simples, pois assim ele consegue mais facilmente ser o alvo de projeção identificatória dos indivíduos da massa. O líder não pode ser um privilegiado, ele deve ter em distinção dos demais apenas a coragem “para dizer o que todos pensam” e, assim, ser dotado de uma missão geralmente redentora desse seu grupo que é menosprezado e que se sente perseguido, ecoando no narcisismo ferido da massa o seu próprio narcisismo histriônico de psicopata canastrão, vingador dos ressentidos. O líder, aliás, não se destaca por sua superioridade intelectual, pois geralmente ele realmente é tão ignorante quanto parece, e sim por uma capacidade de encantamento discursivo que se liga diretamente à comoção das paixões muito mais do que à coerência do discurso.

Os líderes são geralmente tipos de caráter oral, com uma compulsão para falar incessantemente e enganar os outros. O famoso encantamento que eles exercem sobre seus seguidores parece depender, em larga medida, de sua oralidade: a própria linguagem, desprovida de seu significado racional, funciona de uma forma mágica e favorece aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros de multidões. (Adorno, 2015, p. 181)

Já por parte do seguidor, o ganho narcísico é evidente, uma vez que a lógica do grupo é a de que o mero pertencimento a ele já o coloca em superioridade em relação aos demais, fortalecendo a dicotomia entre os puros e os degenerados que não esconde sua origem religiosa na metáfora da separação entre o joio e o trigo e instalando como consequência um estado de hostilidade e desconfiança constante em relação ao externo, ao exterior, ao diferente, ao estrangeiro. (Adorno, 2015, p. 177) Isso desestimula igualmente qualquer tipo de introspecção pois, uma vez que a existência do indivíduo de massa seja coletiva, não sobra espaço para separar-se do todo e pensar a si mesmo. Por outro lado, a introspecção também se coloca como algo perigoso, pois pode desfazer essa imagem positiva de si que foi narcisicamente construída,

obrigando o sujeito a apartar-se do todo para reconhecer as suas fragilidades ou mesmo o quão ilusório é a satisfação que o grupo proporciona.

Isso alimenta a necessidade de igualdade entre o grupo, pois esta igualdade é mais um indicativo de existência coletiva. “A ideia de que não pode haver nenhum solitário faz parte das bases da ideologia alemã.” (Adorno, 2020, p. 53) Na medida em que o discurso de massa enfatize as diferenças entre os de dentro e os de fora do grupo, as distinções internas têm que ser extremamente suavizadas para dar a impressão de que todos pertencem igualitariamente a esta espécie de horda primitiva, esta fraternidade. (Adorno, 2015, p. 178) Rituais coletivos de humilhação, como os trotes e os ritos de iniciação, geralmente são acompanhados de despojamento ou de desnudamento, ou mesmo da obrigatoriedade de estupefação por excesso de álcool, para matar simbolicamente a personalidade individual e operar o renascimento do sujeito no seio do grupo. Aqui podemos intuir a ponte entre elitismo e fascismo que conecta a Juventude Hitlerista aos nossos cursos universitários de elite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez possamos, após essa série de argumentos, entender o radicalismo de direita e a personalidade autoritária como as faces de Janus de um tipo de síndrome psicopatológica, de anti-intelectualismo, de descrédito de qualquer tipo de teoria que promova sensibilização e autoconhecimento, o “antiquíssimo rancor do trabalhador manual contra o trabalhador braçal” vinculado a um sentimento de inferioridade no qual ao se sentirem “impotentes contra o espírito, eles se voltam contra os portadores do espírito” (Adorno, 2020, p. 61; 62). Nesse sentido, o Fascismo pode ser entendido como uma tendência destrutiva, na forma de uma revolta contra a imagem paterna, um caminho de descarga das potências agressivas em revolta contra a própria civilização como um todo. Por isso temos, por um lado, um desejo fantasioso pela guerra e pelo caos e, por outro, um gozo no ataque a qualquer elemento que represente ordem social, cultura e sociabilidade, como vimos tanto na invasão ao Capitólio nos Estados Unidos quanto em nossa versão tropical do ataque à Praça dos Três Poderes em Brasília.

Definitivamente, o fenômeno do radicalismo de direita não poder ser compreendido apenas por um viés psicanalítico e certamente sua dimensão social e econômica deve ser sempre bem analisada. Do contrário poderíamos cair na estagnação conceitual de que estas tendências agressivas e sadomasoquistas da psique humana fazem parte de uma certa natureza inexorável e

portanto imutável, resignando-nos à ideia de que tendências fascistas sempre estarão presentes no seio das sociedades democráticas e que não há nada a fazer. Mas aqui podemos lembrar uma sentença que encerra um outro texto de psicanálise bastante importante e que de certa forma dialoga fortemente com a *Psicologia das Massas*, que é o *Mal-Estar na Civilização*, cuja última frase (Freud, 2020b, p. 405) alerta para o fato de que toda a tarefa da cultura é fortalecer Eros em sua eterna e irresolúvel luta contra Tântatos. E mesmo que o inimigo não tenha cessado de ganhar, nós não podemos cessar de lutar: como quem relampeja, na iminência de um perigo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 153-189)

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro; DIAS, José Francisco de Assis. O radicalismo de direita e a personalidade autoritária em Theodor Adorno. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia da Unesp. (2024) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/y6pzPd6VhBwBPCVJD5JxVmk/?lang=pt> Acessado em: 16 Jan. 2025.

BRECHT, Bertold. Epilogue. In: The resistible ascension of Arturo Ui. Disponível em: <http://www.socialiststories.com/en/writers/Brecht-Bertolt/The-Resistible-Rise-of-Arturo-Ui-Bertolt-Brecht.pdf> Acessado em: 21 jan. 2024.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer [1920]*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura [1930]. In: *Cultura, Sociedade, Religião*: O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b, p. 305-410.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu [1921]. In: *Cultura, Sociedade*,

Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a, p. 137-232.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu [1913]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Volume 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-163.

MACHADO, Francisco Pinheiro Ambrosis. Cultura e psicologia de massas em Walter Benjamin e Theodor Adorno. In: *Revista Limiar*, Vol. 12, no. 02, 2025, p. 155-168.
<https://doi.org/10.34024/limiar.2025.v12.20990>

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: Da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.